A CLÍNICA DAS DEPRESSIVIDADES NA GESTALT-TERAPIA

MARCUS CÉZAR DE BORBA BELMINO

Docente do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde - UNILEÃO

Justificativa

Este minicurso parte da problematização da tendência contemporânea de reduzir a depressividade a uma entidade nosológica única e universal. Em vez de tomar a depressão como um quadro definido por listas sintomatológicas, a proposta assume que a depressividade precisa ser compreendida em sua pluralidade experiencial, clínica e histórica. Isso significa reconhecer que aquilo que costuma receber o nome genérico de depressão pode expressar modos distintos de sofrimento, com organizações de campo, demandas clínicas e direções interventivas também distintas. Tal perspectiva exige uma crítica aos manuais nosológicos porque, ao privilegiarem descrições descontextualizadas de sintomas, tendem a apagar o modo como o sofrimento emerge em situações concretas de vida, em configurações relacionais específicas e em determinadas formas de mundo.

A Gestalt-terapia oferece condições fundamentais para essa revisão ao compreender o sofrimento a partir de uma perspectiva de campo. Nessa direção, a depressividade é pensada como um modo de retração, colapso, empobrecimento ou esgotamento do contato que assume sentidos diferentes conforme a configuração clínica em que aparece. Ao longo das discussões que fundamentam este minicurso, sustenta-se que a depressividade pode comparecer no campo das experiências neuróticas, no sofrimento ético-político-antropológico, na clínica da banalidade e na clínica das psicoses, sem que isso autorize sua redução a uma mesma lógica explicativa.

Objetivos

O minicurso tem como objetivo apresentar uma leitura gestáltica das depressividades, compreendendo-as como fenômenos plurais que só podem ser descritos adequadamente a partir de um diagnóstico de campo. Especificamente, busca discutir a crítica gestáltica à centralidade dos manuais nosológicos, explicitar o que significa diagnosticar a partir do campo e não apenas do indivíduo isolado, e diferenciar as principais configurações clínicas em que a depressividade se manifesta.

Pretende-se mostrar que, na clínica neurótica, a depressividade pode aparecer vinculada ao conflito entre desejo, exigência de reconhecimento, idealizações e modos rígidos de sustentação da personalidade. No sofrimento ético-político-antropológico, ela pode surgir tanto como crise aguda diante da ruptura dos ajustamentos de sobrevivência quanto como hábito depressivo produzido por exclusão, humilhação e desmentido reiterado da existência. Na clínica da banalidade, a depressividade comparece como esvaziamento da experiência, dessensibilização e enfraquecimento da capacidade de ser afetado. Já na clínica das psicoses, pode assumir a forma de retração radical do horizonte compartilhado, atingindo a própria sustentação do mundo comum.

Aprendizados esperados

Espera-se que os participantes desenvolvam uma compreensão mais crítica e refinada da depressividade, tornando-se capazes de distinguir entre diferentes modos de sofrimento que, embora frequentemente reunidos sob o mesmo nome, exigem leituras clínicas distintas. Um dos aprendizados centrais consiste em compreender o diagnóstico de campo como um exercício de descrição das dinâmicas relacionais, históricas, afetivas e

contextuais que tornam inteligível determinado modo de sofrer. Nessa perspectiva, diagnosticar não é encaixar o sujeito em uma categoria pronta, mas reconhecer como o sofrimento se organiza no entrelaçamento entre corpo, vínculo, linguagem, história e mundo.

Também se espera que os participantes identifiquem as implicações interventivas dessa leitura. Isso inclui reconhecer quando a direção clínica pede flexibilização da personalidade e trabalho com fantasias neuróticas, quando exige reconstrução de contornos éticos e possibilidade de agência, quando convoca uma reabilitação da capacidade de ser afetado diante da banalização da vida, e quando demanda sustentação do laço e da realidade compartilhada.

Relevância para a abordagem gestáltica

A relevância deste minicurso está em reafirmar o potencial da Gestalt-terapia para construir uma psicopatologia clínica não centrada em leituras intrapsíquicas, mas em configurações de campo. Ao retomar a depressividade como fenômeno plural, a proposta fortalece uma clínica comprometida com a singularidade da experiência e com a inseparabilidade entre sofrimento e mundo. Além disso, contribui para explicitar o alcance do diagnóstico de campo como instrumento teórico e clínico capaz de orientar intervenções mais precisas, sem perder de vista a complexidade da existência.

Ao diferenciar as clínicas da depressividade, o minicurso ajuda a evitar confusões entre tristeza, retraimento, colapso ético, esvaziamento existencial e desorganização psicótica. Com isso, favorece uma formação mais rigorosa para gestalt-terapeutas, oferecendo fundamento e discernimento clínico para lidar com experiências bastante recorrentes da contemporaneidade.

Palavras-chave

Gestalt-terapia; depressividades; diagnóstico de campo; psicopatologia clínica; teoria de campo.

BELMINO, M.C. Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica. Paco Editorial: Jundiaí (SP). 2020

BELMINO, M.C. Clínica e depressividades na Gestalt-terapia. Simplíssimo: Porto Alegre. 2025 (no prelo)

MULLER-GRANZOTTO, M.; MULLER-GRANZOTTO, R. Clínicas Gestálticas: o sentido ético, político e antropológico da teoria do self. Summus: São Paulo. 2012